

A ambiguidade de Castanha e Ausência

Por Sérgio Rizzo (SP)

O hibridismo entre ficção e documentário na produção brasileira contemporânea encontrou ao menos dois ótimos exemplos na programação da 38ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo: *Castanha*, o primeiro longa-metragem do gaúcho Davi Pretto, e *Ausência*, o segundo longa de ficção do carioca (radicado em São Paulo) Chico Teixeira.

Em *Castanha*, a abordagem -- ficção criada por meio de procedimentos documentais, em combinação que deixa o espectador em dúvida, quase o tempo todo, sobre o que seria real e o que seria invenção dramática -- está em plena sintonia com a trajetória de seu protagonista, o ator João Carlos Castanha.

Figura conhecida da noite de Porto Alegre, com atuação que se estende a peças teatrais infantis e a programas de TV, ele é a personificação desse hibridismo. Seu cotidiano dificulta, naturalmente, separar a pessoa física João Carlos do personagem Castanha. No fundo, ele étudo isso ao mesmo tempo agora -- e o filme de Pretto se vale dessa ambiguidade para encontrar o seu próprio registro.

Em *Ausência*, o ponto de partida não envolve propriamente matéria ambígua. Um pouco ao contrário: é uma certa verdade -- social e emocional -- que se pretende alcançar. Os procedimentos documentais são incorporados à realização para que os atores -- e em especial o protagonista, um adolescente (Matheus Fagundes) forçado a amadurecer precocemente -- deem valiosas contribuições à construção dos personagens e ajudem a desenhar uma paisagem naturalista que envolve o espectador, muitas vezes, como se ele estivesse diante de uma não-ficção.